



A FOTOGEOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM PARA OS ALUNOS SURDOS

Jean Volnei Fernandes

j.volnei@uol.com.br¹

Maciel Pereira da Silva

maci0510@gmail.com²

Resumo

O presente artigo procura apresentar como possibilidade pedagógica, a utilização da fotogeografia enquanto instrumento de ensino-aprendizagem, cuja função é ajudar os alunos surdos a lidarem com as diferentes linguagens que fundamentam o ensino de Geografia. Nesse sentido, pretende-se proporcionar aos professores de Geografia que atuam com este seguimento, repensarem suas práticas pedagógicas no que se refere ao encaminhamento de atividades que utilizem o recurso da fotografia como uma linguagem visual, a ser utilizada para leitura e interpretação do mundo, a partir do desenvolvimento do raciocínio geográfico dos alunos. Nesse processo, os alunos surdos devem conhecer, compreender e interpretar as diferentes paisagens, a partir da utilização da sua língua materna Libras (Língua brasileira de sinais), na construção de conceitos mais significativos e que os possibilitem ler e decodificar a paisagem estudada. Outro elemento abordado, se refere a função da imagem enquanto linguagem de comunicação, pela diversidade e acesso aos recursos comunicativos atrelada ao advento tecnológico. Essa discussão nos permite reconhecer, a fotografia como elemento cultural importante para a aprendizagem do aluno surdo, tendo em vista, que o uso de imagens associado a comunicação visual-motora permitirá a formulação de conceitos mais significativos à realidade desse grupo, com maior riqueza de informações e detalhes, sendo, portanto, uma excelente fonte de pesquisa para o ensino de Geografia, a partir do olhar dos estudantes surdos.

Palavras-chave: Alunos surdos. Ensino de Geografia. Fotogeografia.

Introdução

Iniciamos nossa discussão com a apresentação de elementos que visam sistematizar a utilização da fotografia enquanto recurso didático na aprendizagem dos alunos surdos, com o propósito de orientar esses alunos, ao desenvolvimento de conceitos geográficos mais próximos

¹ Professor efetivo de Geografia da educação básica na Secretaria de Educação do Distrito Federal e doutorando no Programa de pós-graduação em Geografia na Universidade de Brasília – UnB.

² Professor efetivo de Geografia da educação básica na Secretaria de Educação do Distrito Federal e doutorando no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade de Brasília-UnB.

de sua realidade, tendo como base a utilização da fotogeografia enquanto possibilidade de ensino-aprendizagem da Geografia.

Nesse sentido, a fotografia pode atuar como instrumento de mediação, no intuito de superar a abordagem tradicional de ensino, baseada na memorização e na apresentação de conteúdo sem significação alguma para os alunos surdos.

Segundo Asari, Antoniello e Tsukamoto (2004, p.180) é preciso levar em consideração que “uma mesma imagem sempre terá interpretações significativas diferenciadas entre dois ou mais observadores, mesmo a realidade registrada sendo fixa ou imutável”.

Baseado nessa perspectiva, a fotografia tem facilitado muito o estudo da paisagem, pois é um documento de fácil e rápida obtenção e armazenamento (FARRÉ e GONZÀLES 2005). Para as autoras, uma foto revela detalhes complexos da construção da paisagem, atuando como elemento de comunicação e transmissão de conhecimentos.

Como sabemos, a visão é um dos sentidos mais utilizados pelas pessoas com deficiência auditiva. Utilizar a imagem através da fotografia, como produto das novas tecnologias da comunicação e ensino-aprendizagem, podem tornar as aulas muito mais atrativas para esse grupo de alunos.

Dessa forma, pelas possibilidades que oferece no enriquecimento das aulas através da leitura visual, destacamos o uso da fotografia como uma linguagem educacional bastante apropriada para pessoas surdas, tendo em vista que a aprendizagem desse grupo, se baseia nos aspectos visual-motor e na utilização da Libras como primeira língua.

Como a visão compõem um dos mecanismos fundamentais na aprendizagem dos alunos surdos, a fotografia como instrumento de aprendizagem, auxiliará os alunos na elaboração dos seus próprios conceitos, sobretudo aqueles relacionados a paisagem. Segundo Callai (2013, p. 143) “é fundamental entender o mundo para compreender também a sua vida, se reconhecer como sujeito que tem identidade e que reconhece o seu pertencimento”.

Ao partir desse pressuposto, paisagem pode ser vista como uma categoria que aliada ao recurso da fotografia, pode contribuir muito no processo de ensino-aprendizagem de pessoas surdas, uma vez que é através da visão, que este grupo percebe e interage com o mundo externo, levando-os, a conhecerem tanto os aspectos naturais como os humanos que estão envolvidos no estudo da paisagem.



Sendo assim, a aprendizagem de alunos surdos, deve ser vista com um enfoque pedagógico diferente, na qual as pessoas que apresentam essa especificidade possam ser agentes da construção do conhecimento, ou seja, possam compreender melhor o mundo que os cercam, de maneira mais consciente e crítica. Cavalcanti, (1991) faz a seguinte observação:

[...] Os alunos não conseguem formar um raciocínio geográfico necessário à sua participação ativa na sociedade; não conseguem assimilar de modo autônomo e criativo as bases da ciência geográfica que propiciem a formação de convicções e atitudes a respeito da espacialidade da prática social. Também não conseguem formar relações entre os conteúdos que são transmitidos nas aulas de geografia e as determinações espaciais que permeiam, direta ou indiretamente, sua prática social diária. Por não entenderem a importância dos conteúdos de Geografia para suas vidas, os alunos se comportam na sala de aula “formalmente”, ou seja, cumprem deveres de alunos para que possam conseguir aprovação da escola, sem se envolverem com os conteúdos estudados (CAVALCANTI, 1991, p. 278).

Nesse contexto, a representação estabelecida pela paisagem no estudo da Geografia, correlacionada as informações visuais e concretas fornecidas pela fotografia, ofertam aos alunos elementos significativos para o desenvolvimento e elaboração de conceitos mais próximos a sua realidade. Sobre este ponto, Cavalcanti (1999) tece o seguinte comentário:

A formação de conceitos é uma habilidade fundamental para a vida cotidiana. Os instrumentos conceituais são importantes porque ajudam as pessoas a categorizar o real, a classificá-lo, a fazer generalizações. Os conceitos são importantes mediadores da relação das pessoas com a realidade; ele nos liberta da escravidão do particular (CAVALCANTI, 1999, p. 133).

Partindo desse pressuposto, a formação de conceitos pelos alunos surdos, permitirá que os mesmos desenvolvam o raciocínio geográfico, através das relações vividas, imaginadas e até mesmo desconhecidas, possibilitando a construção coletiva do conhecimento e uma aprendizagem mais significativa, tendo em vista que, os elementos abstratos (conceito de paisagem) e os elementos concretos (categoria paisagem), permearão a formulação de novos conceitos.

Diante deste introito e de nossas experiências docentes enquanto professores de Geografia, da sala de recursos de deficiência auditiva em uma escola pública do Gama-DF, propomos o desenvolvimento de um projeto de intervenção didática que leve os alunos surdos a desenvolverem uma leitura visual que os aproxima da sua realidade e do mundo que os cerca. Este trabalho foi realizado com um grupo de quinze alunos surdos, com diferentes níveis de perda auditiva classificados em: leve, moderada, severa e profunda. A pesquisa justifica-se pela importância da fotografia enquanto recurso didático para os alunos surdos, bem como pelo

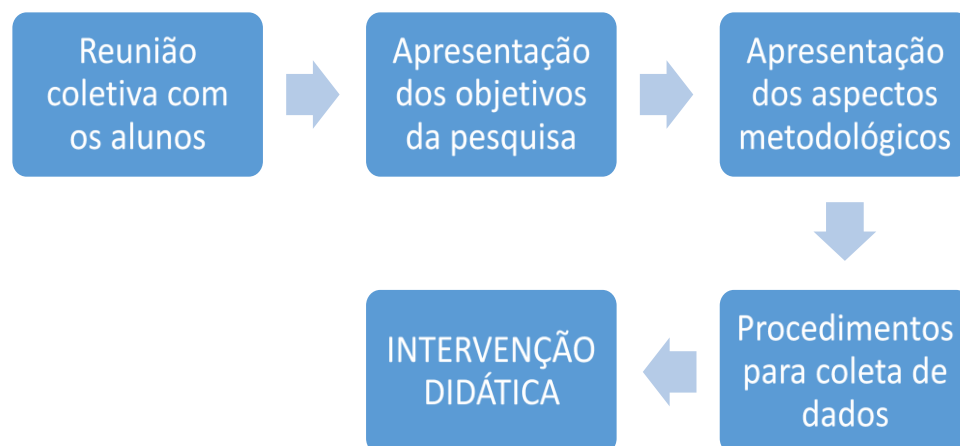
potencial que a leitura da paisagem pela fotografia apresenta em tornar as aulas mais interessantes e prazerosas.

A fotogeografia no processo de ensino/aprendizagem para os alunos surdos: uma proposta em construção

Como proposta para o desenvolvimento deste estudo, sugerimos, como instrumento metodológico a pesquisa-ação. Thiollent (2000) considera que o eixo metodológico da pesquisa-ação é a articulação entre a produção do conhecimento para a conscientização e solução dos problemas socialmente relevantes, tendo como propósito construir de forma coletiva e participativa, novas relações dos alunos surdos, com o ambiente e com a paisagem na qual estão inseridos.

Nesse processo sugere-se que inicialmente ocorra uma conversa com alunos sobre os temas geográficos, voltadas para os aspectos relacionados a paisagem, para que seja realizado um processo de codificação-descodificação, e as possíveis convergências e divergências sobre o assunto.

Em seguida, seria realizada uma reunião coletiva com todos os alunos, apresentando os objetivos da pesquisa, os aspectos metodológicos e as formas utilizadas para a coleta de dados contando com a participação de um interprete de Libras, que pudesse nos auxiliar na explanação, conforme representação a seguir:





A partir desse procedimento, passaríamos a apresentar aos alunos elementos relacionados a observação, comunicação em Libras, e a fotogeografia, que os levassem a compreender o processo de transformação provocadas pelo homem sobre a paisagem.

A intervenção didática aqui chamada, tem como objetivo proporcionar aos alunos surdos uma aprendizagem que desenvolva o raciocínio geográfico e a construção de conceitos mais pertinentes as suas condições de aprendizagem, fundamentada na metodologia da pesquisa-ação. Dentre os conceitos abordados, que podem ser estudados pelos alunos surdos a partir da utilização de elementos imagéticos (fotografia) podemos citar os seguintes: o conceito de espaço geográfico, de paisagens preservadas e transformadas, desenvolvimento sustentável, produção, consumo e degradação ambiental entre outros.

Para a realização da intervenção didática e obtenção das imagens, devem ser realizadas saídas de campo com os respectivos alunos de cada ano/série separadamente, com a presença do professor-pesquisador e do intérprete de Libras, que auxiliará os alunos na compreensão da dinâmica, e dos objetivos propostos.

Após esse procedimento, os alunos apresentarão as imagens obtidas por eles, as quais serão utilizadas para a construção dos conceitos, fundamentadas na comunicação visual-motora e na utilização da Libras. Durante a apresentação das imagens pelos alunos, os mesmos certamente, conseguirão identificar com mais clareza, os diversos aspectos que modificam ou não a paisagem representada, tendo em vista que a construção dos conceitos pelos alunos ocorre, a partir deles e para eles, e não do professor para o aluno.

Ao trabalhar temas relacionados a Geografia com alunos surdos, o professor deve atuar como um mediador, construindo o conhecimento de forma conjunta, utilizando as ferramentas que darão significado a aprendizagem dos alunos. A participação do interprete de Libras, é de fundamental importância para a realização de um projeto de intervenção didática.

Nesse sentido, a fotogeografia pode ser entendida a partir dos registros fotográficos eleitos para a composição dos processos geográficos de ensino-aprendizagem. Esse processo possibilita que o olhar do fotógrafo (e do leitor da foto), vislumbre as transformações (ambientais, sociais, históricas), que ocorrem no espaço geográfico, e que diante do seu papel de suscitar diversas leituras, permitam a construção de uma narrativa sobre os fenômenos e paisagens registradas.

Ao se fotografar uma paisagem, o fotógrafo pode interferir na imagem resultado, destacar algum fator ou ignorar outro. Assim, a “imagem pode ser entendida como uma das mediações do homem com o seu mundo, pois as imagens apresentam o mundo acessível e inacessível pela tradução de códigos capazes de decifrar eventos” (STEINKE, 2014, p.46).

Os trabalhos mais recentes, que procuram estabelecer vínculos acadêmicos entre a Geografia e a fotografia, concentram-se nas áreas da cultura, da paisagem e ensino, com destaque maior para a paisagem.

Destacamos aqui os estudos realizados por Tania Rosseto e Elisa Bignante, da escola italiana. De acordo com as reflexões das autoras, a Geografia enquanto ciência terá como objeto a busca por respostas que surgem por questionamentos significantes para investigação. Tais questionamentos podem ser associados a utilização da fotogeografia, enquanto instrumento de aprendizagem. Dessa forma, procurando associar fotografia ao ensino de geografia para alunos surdos, apresentamos a seguir questionamentos elaborados pelas autoras, que visam dar a fotografia um caráter didático durante o processo de ensino-aprendizagem. Sendo eles: a fotografia seria então apenas um kit acessório ao texto escrito ou torna-se parte estrutural da comunicação enquanto texto visual? Seria a fotografia mais um documento de referência apenas, ou pode ser utilizado enquanto potencial simbólico e criativo? A presença da imagem fotográfica pode de fato reforçar o projeto do ponto de vista científico?

Os questionamentos objetos das reflexões acima, a respeito da utilização da fotografia, podem ser associadas aos métodos e recursos utilizadas para a aprendizagem de pessoas surdas, tendo como objetivo apresentar um caráter científico, na utilização da fotografia associada a comunicação em Libras para o ensino da Geografia. Os questionamentos realizados pelas autoras, devem ser observados com atenção diferenciada, tendo em vista que a pessoa surda, desenvolve a capacidade de abstrair e obter um maior número de informações em relação aos aspectos visuais. Dessa forma, muitos aspectos que não foram observados em determinada fotografia pelas pessoas ouvintes, certamente serão relatadas e descritas pelas pessoas surdas.

Nesse quesito, o aluno surdo precisa fazer as conexões necessárias, relativas a observação e interpretação das imagens estudadas, tendo em vista que a sua aprendizagem se fundamenta em uma linguagem visual-motora, enquanto a dos alunos ouvintes se fundamenta em uma linguagem oral-auditiva. Na visão de Kossy (1999, p.143) “é justamente nas



possibilidades que a imagem oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações que reside o seu fascínio. ”

Sendo assim, se faz necessário entender a função da fotogeografia, enquanto objeto de expressão, principalmente diante das inúmeras possibilidades que pode oferecer a pessoa surda, sobretudo ao que se refere a formação de conceitos e ao desenvolvimento do raciocínio geográfico por parte desses alunos.

Considerações finais

A partir dos estudos realizados e do projeto de intervenção pedagógica proposto, percebemos que a fotogeografia se apresenta como uma possibilidade de ensino, que vinculada ao estudo da temática geográfica escolar, favorece o desenvolvimento da inclusão, e do senso de pertencimento do aluno com surdez no meio ao qual está inserido. Nesse sentido, o estudo da paisagem através da análise fotográfica para o aluno surdo, pode ajudá-lo a conhecer, compreender e interpretar a paisagem real, observando os elementos que a compõem, com a finalidade de reelaborar conceitos mais próximos de sua realidade, de forma a identificar os modos através dos quais a paisagem se materializou naquele determinado lugar e também como a ocupação humana afeta a evolução da paisagem estudada.

Nas palavras de Asari, Antoniello e Tsukamoto (2004, p.183) “[...] a utilização da fotografia pode estimular a observação e descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para tirarem suas próprias conclusões e elaborarem soluções para problemas da sua realidade”.

Neste contexto, a análise da paisagem através da fotografia, pode desenvolver no aluno surdo habilidades relacionadas a leitura, a interpretação e a crítica de elementos sociais, tornando este aluno mais independente no sentido de criar conceitos, que estejam mais relacionados a sua cultura e a forma como estes percebem as transformações que ocorrem ao seu redor.

A respeito desse contexto Asari, Antoniello e Tsukamoto (2004, p. 194), afirmam que:

Por mais que a fotografia seja produzida com certa finalidade, a sua representação vai conter um meio de informação e conhecimento, e o seu conteúdo irá ajudar o aluno a se constituir como um leitor crítico da paisagem, levando-o à compreensão de conceitos e acontecimentos, muitas vezes, abstratos e complexos.

A partir dessa prática, o aluno surdo poderá expressar seu conhecimento geográfico através da fotografia, de modo a contribuir segundo Travassos (2001, p.2) “com a finalidade de elevar a geografia, e até mesmo a escola, a algo prazeroso que eduque para vida em sociedade”.

Fundamentando-se nessa reflexão, constatamos que a fotografia pode contribuir, para o desenvolvimento do saber geográfico do aluno surdo, quando trabalhada no sentido de expressar os valores de quem a produziu. Nesse caso, deve-se ressaltar a importância da utilização da Libras, na análise de uma fotografia, de forma a facilitar as diferentes interpretações dos alunos a respeito do tema estudado.

Barbieri (2006), comenta que a fotografia contribui para a formação cultural do educando, bem como para a construção de sua visão de mundo, da sociedade e do meio em que vive. Este comentário, exemplifica com clareza a intenção da proposta de intervenção didática alhures, no sentido de inclusão do aluno surdo, da valorização de sua cultura e do sentido de pertencimento na sociedade, com utilização de uma análise fotogeográfica.

Ao se apresentar um estudo pautado na utilização da fotografia, com o intuito de desenvolver o saber geográfico dos alunos surdos, estaremos articulando respostas educativas, com o objetivo de promover a inclusão desse grupo de alunos. A esse respeito, Pedrine e Verenguer (2008) comentam:

Participar de um processo inclusivo é estar predisposto a considerar e a respeitar as diferenças individuais, criando a possibilidade de aprender sobre si mesmo e sobre cada um dos outros em uma situação de diversidade de ideias, sentimentos e ações (PEDRINELLI e VERENGUER, 2008, p.18).

Dessa forma, o professor que trabalha com alunos surdos, deve procurar conhecer seu universo, sobretudo no que se refere as suas formas de se comunicar, atuando como mediador do conhecimento, estimulando o aluno a ter uma posição crítica, incentivando-o a questionar não só os elementos mostrados na imagem, como também o contexto que levou à sua produção.

Referências

- ASARI, Alice Yatiuo; ANTONELLO, Ideni Terezinha; TSUKAMOTO, Ruth Youko (org.). **Múltiplas geografias: ensino – pesquisa – reflexão**. Londrina: Edições Humanidades, 2004.
- BARBIERI, Giuseppe. **Fotografie e carte geografiche**. In: BARBIERI, Giuseppe. CANIGIANI, França, 2006.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional de Geografia: o professor**. Ijuí: Unijuí, 2013.
- CAVALCANTI, Lana de Sousa. **O Ensino crítico de geografia em escolas públicas do ensino fundamental**. Dissertação de mestrado. Goiânia: Faculdade de Educação/UFG 1991.

_____. Propostas curriculares de Geografia no ensino: algumas referências de análise. In: Associação dos geógrafos do Brasil. **As transformações no mundo da educação: geografia, ensino e responsabilidade social**. São Paulo, n. 14, p. 125-145, jan/jul. 1999.



FARRÉ, Lurdes Comellas; GONZÁLEZ, Núria Monrós. **Anàlisi de l'evolució del paisatge a través de la fotografia**. El paisatge de Viella, 1962-2002. In: Treballs de la Societat Catalana de Geografia. n. 59, 2005. p. 105-129.

KOSSY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

PEDRINELLI, Verena Junghahnel; VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. **Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades**. In: GORGATTI, M.G; COSTA, R. F. (Org.) Atividade Física Adaptada 2. Ed. Barueri, SP: Ed. Manole, 2008, p.1-27.

ROSSETO, Tania. **Fotografia e letteratura geografica**: linee di un' indagine storica. Bolletino della societa geografica italiana. N.4. 2004.

STEINKE, Valdir Adilson. **Imagem e Geografia: o protagonismo da "fotogeografia"**. In: Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos / Organizadores: Valdir Adilson Steinke, Dante Flávio Reis Júnior, Everaldo Batista Costa. – Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídia – LAGIM, UnB, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. 2000.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. **A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da geografia**. In: Revista de Biologia e Ciências da Terra. Volume 1, n. 2.EDUEP, Paraíba, 2001.